

RAÍZES, DE SÉRGIO BUARQUE

Antonio Carlos Villaça

Raízes do Brasil, o grande livro de estréia de Sérgio Buarque de Holanda, saiu em 1936. **Raízes** apareceu em 1988. Entre 1936 e 1982, Sérgio construiu a sua obra de historiador, historiador aberto, dinâmico, em contato com a cultura moderna, dono de uma visão sociológica.

O seu espírito oscilou entre a história e a crítica literária, recolhida em dois volumes superlúcidos. Foi crítico de juventude no livro **Cobra de Vidro**, de 1944, que o situa no primeiríssimo plano de nossa crítica, ao lado de Tristão de Athayde, Alvaro Lins, Roberto Alvim Corrêa, Otávio Tarquínio de Sousa, Sérgio Millet, Agrippino Grieco.

Foi com Prudente de Moraes Neto, Pedro Dantas, o arguto Pedro Dantas, poeta bissexto de **A Cachorra**, um dos fundadores da revista **Estética**, que foi o órgão do modernismo aqui no Rio. Sérgio começou pelo debate estético e, depois, se voltou para a história do Brasil, na linha de Capistrano. Entre a fase exclusivamente estética e a fase histórica (diretor do Museu do Ipiranga e magistério na Universidade de São Paulo), houve a fase jornalística e européia.

O livro **Raízes**, organizado por Francisco de Assis Barbosa, nos traz os artigos que o jovem Sérgio escreveu como correspondente dos **Diários Associados**, de Assis Chateaubriand, numa Alemanha que se preparava para a trágica aventura do nazismo. A experiência européia de Sérgio, que durou quase três anos, aqui está neste volume que se lê com volúpia.

Um Sérgio ainda solteiro, disponível, sequioso de ler tudo, observar tudo, absorver tudo. Um Sérgio que nos dá uma sensação incrível de liberdade e de inteligência lépida, inquieta. Houve, depois, o casamento com Dona Maria Amélia Alvim Buarque de Holanda, que tanto o marcou.

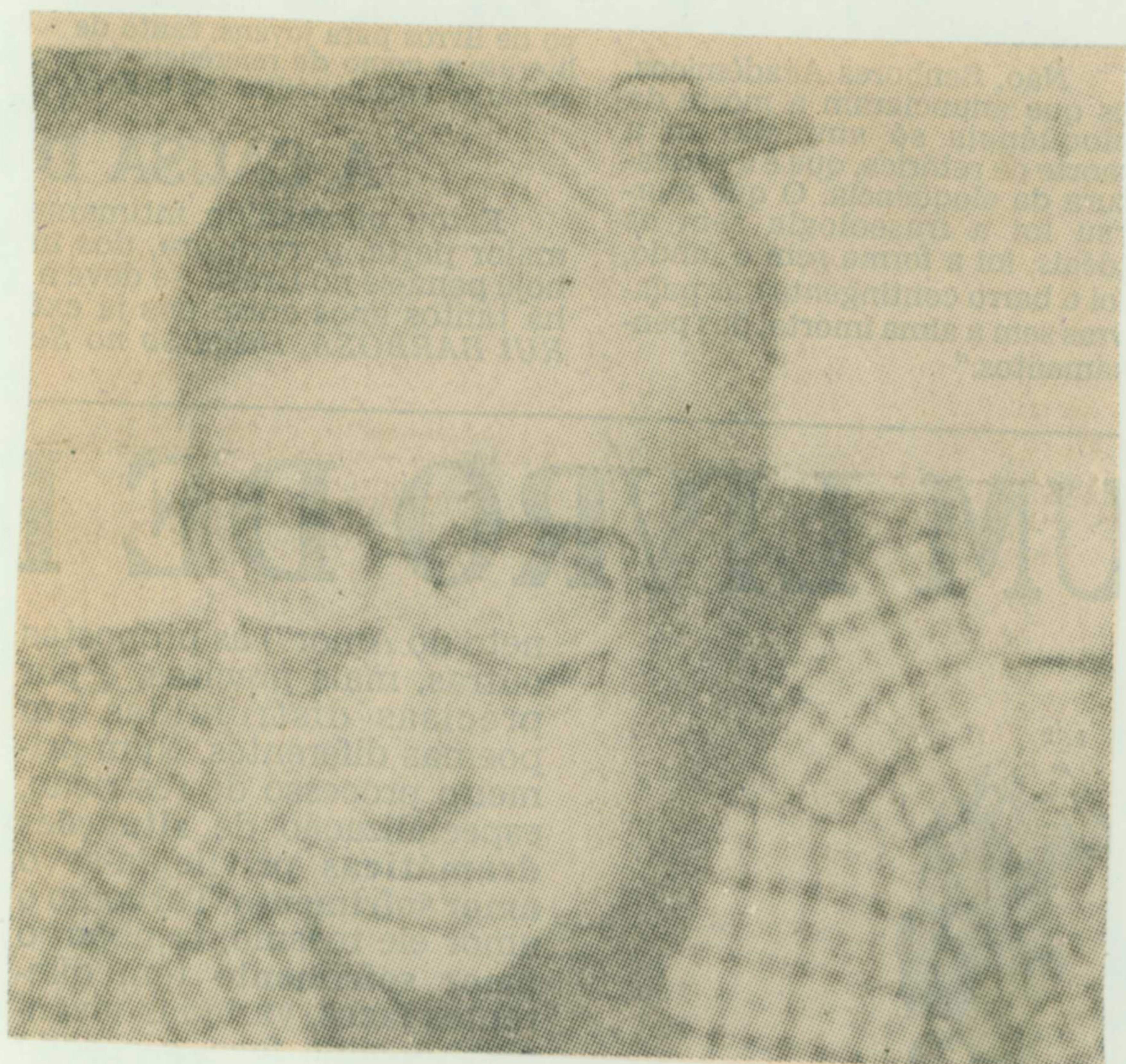
Ainda recentemente, o poeta André Pestana entrevistava para o nosso JORNAL DE LETRAS o fabuloso Chico Buarque, filho desse casal especialíssimo, e ficou impressionado com Dona Maria Amélia, a sua simplicidade autêntica, a sua vivacidade, a sua jovialidade, o seu interesse pela vida, a sua participação social. Ela é nossa contemporânea, rigorosamente. E isto não escapou à agudeza do repórter Pestana.

Os grandes livros de Sérgio são, sem dúvida, **Raízes do Brasil**, que é irmão de **Casa Grande e Senzala**, de mestre Freyre, de Apipucos, **Caminhos e Fronteiras e Visão do Paraíso**, sobre os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. Mas esse volume juvenil das **Raízes**, **Raízes tout court**, **Raízes** simplesmente, humanas, existenciais, tem o seu lugar próprio na bibliografia discreta de Sérgio.

Eis o esteta a viver intensamente a sua aventura intelectual na Europa de entre Guerras, no limiar do hitlerismo. Há aqui um contraste nítido, uma bipolaridade, uma oposição cortante. De um lado, Hitler, a sombra demoníaca do totalitarismo. De outro, Tomas Mann, que acabara de ganhar o Prêmio Nobel e Sérgio entrevista carinhosamente. Esse Mann, de mãe brasileira, esse Mann, que desafiaria o nazismo com seu humanismo de inspiração estética, exatamente como o de Sérgio.

Vejo em Sérgio um humanismo livre e dialógico, disposto a viver até o fim a densa aventura humana sobre a face da terra. Humanismo crítico, humanismo leigo, humanismo todo voltado para a história como interpretação da vida. Sérgio entende a literatura como criticismo. E isto aparece com extrema nitidez no seu debate superior com Tristão de Athayde, em 1928.

803H
Hp 118-0x20
(2/2)



Ei-lo aqui diante de nós, em **Raízes**, o famoso artigo a que Sérgio chamou **Tristão de Athayde**, publicado no **Jornal do Brasil** de 29 de agosto de 1928, quer dizer, duas semanas depois da conversão de Alceu. Diz-se que esse artigo foi decisivo no processo de conversão. Não é exato. A conversão já se consumara, plenamente. Mas a Sérgio não escapou a perplexidade que havia na primeira

série dos **Estudos**, que Tristão publicara em 1927.

E o artigo de Sérgio provocou a resposta de Alceu, o célebre **Adeus à Disponibilidade**, carta a Sérgio Buarque de Holanda, documento filosófico tão importante como a carta de Alceu, na mesma época, a Otávio Tarquínio de Sousa, que este publicaria como posfácio da tradução do **Rubaiá**. O duelo entre o estetismo e o misticismo, entre o hedonismo e o ascetismo, entre imanência e transcendência.

Foi Sérgio quem suscitou, quem provocou essa explosão de sinceridade filosófica e até humana de Tristão de Athayde, espírito clássico, avesso às expansões românticas ou aos abandonos sentimentais. Leio aqui também o admirável artigo sobre o testamento de Thomas Hardy, que falecera a 11 de janeiro de 1928, conforme nota do organizador. E em Thomas Hardy os dois se uniram e se entenderam, Sérgio e Alceu. "Só o caminho do mal e a experiência da dor podem transferir-nos para um mundo mais elevado", escrevia Sérgio. A dor como enriquecimento. Eis o sentido fundamental da tragédia cristã, concluía Sérgio com verdade e profundidade.

O artigo sobre o estado totalitário é magistral. Há os textos de antes da viagem para Berlim, como os sobre Blaise Cendrars, Pirandello, Ronald de Carvalho, Manuel Bandeira e Guilherme de Almeida. Há os artigos da Alemanha, lucidíssimos. E há curiosamente três prefácios, o de Francisco de Assis Barbosa, o de Antônio Cândido, o de Manuel Bandeira.